

O Perfil dos Estivadores Associados à Sociedade União Operária dos Estivadores de Ilhéus (1919-1927)

Érika Luanna da Mota Alcântara

Mestranda em História Regional pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-IV).

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

RESUMO

Este artigo tem como objetivo traçar o perfil dos estivadores associados à Sociedade União Operária dos Estivadores de Ilhéus nos anos de 1919-1927. Pretendemos aqui, discutir acerca da narrativa do emigrante sergipano presente no discurso de representação dos trabalhadores de Ilhéus no período republicano, juntamente com análise do livro de registro dos estivadores, traçar até que ponto essa narrativa se enquadra no perfil dos trabalhadores da estiva que estavam associados, assim como perceber as dinâmicas sócias que esses estivadores vivenciavam na medida em que compreendemos que as suas escolhas cotidianas era influenciadas pelas suas experiências e que essas interferiam diretamente no seu fazer enquanto trabalhador.

PALAVRAS-CHAVE

Estivadores; Ilhéus; Trabalho.

Introdução

Em 2019 o ex-presidente do Sindicato dos Estivadores de Ilhéus Emerson Tavares, juntamente com o estivador Aldircemiro Duarte escreveram no Diário de Ilhéus na edição de 20 a 23 de Setembro uma matéria intitulada “Sindicato dos Estivadores de Ilhéus: pedaços da sua história em 100 anos de existência”. Em duas páginas demonstraram através de diversas imagens e um extenso texto a história dos estivadores de Ilhéus, e da sua organização. Em tal publicação, nos primeiros parágrafos de seu conteúdo, os estivadores Tavares e Duarte afirmam que a origem do sindicato deu-se como resposta a uma série de mandos e desmandos que colocavam o trabalhador em condições análogas a escravidão, além disso, confirmavam ali a influência dos trabalhadores negros na fundação de sua associação. A origem dos estivadores de Ilhéus, as festas em prol a São Sebastião, a tradição dos estivadores na vida associativa da cidade, assim como as dificuldades e conquistas obtidas pelo sindicato foram alguns dos temas abordados e discutidos na matéria.

A partir das narrativas feitas pelos estivadores Tavares e Duarte juntamente com o livro de Registro, o perfil dos estivadores associados, compreendendo que o fazer laboral desses indivíduos estava diretamente ligada a sua visão de mundo e quem eram. A memória social tem papel fundamental na construção de narrativas, pois segundo Michael Pollak, elas são fruto das disputas entre os grupos sociais que tentam preservar a sua memória em detrimento a outras, causando o silenciamento ou apagamento de outras memórias coletivas e individuais.¹ Em Ilhéus perpetuou por muito tempo a narrativa que a riqueza da região, oriunda do plantio e venda da amêndoa do cacau, foi feita pelas mãos emigrantes, que devido ao seu próprio trabalho e esforço conquistaram o progresso da “Princesa do Sul”.² Segundo Mary Ann Mahony essa narrativa foi repetida tantas vezes, através dos jornais e da literatura como as obras de Jorge Amado, que acabou tornando-se a memória social que permeia o imaginário da população, relacionando a história da região com a memória dos coronéis do cacau, fundamentada na conquista da riqueza pelo esforço, apagando da historia local qualquer cenário de exploração como foi à escravidão.³

André Ribeiro ao estudar o processo de modernização da cidade de Ilhéus na década de 20, percebe que as reformas urbanas efetuadas pelos coronéis do cacau, tentava apagar qualquer aspecto que remetesse ao tempo “antiquado e decadente” da Ilhéus colonial e barroca, já que esta cidade não refletia as ideias modernas e progressistas destes coronéis. Um marco, segundo Ribeiro, foi à derrubada da Capela de São Sebastião que tinha como estilo arquitetônico o barroco, para a construção da sinuosa Catedral de São Sebastião, que tinha o modelo neoclássico e refletia o poder e a riqueza dessa região. Esse impulso de modernização não ficou restrito a modificação praças, ruas ou a

1 Michael Pollak. *Memória e Identidade Social. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992. p. 201.

2 Igor Campos Santos, *Ilhéus, a Cidade que se Conhece: a cidade que não se quer (Re)conhecer (1924-1927)*. Ilhéus, Ba: UESC, 2018. (Trabalho de conclusão de Curso).

3 Mary A. Mahony. *Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauzeira da Bahia*. Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria v. 10, n.18, jul. - dez. 2007, p. 737-793.p.739

construção de palacetes e de Igrejas, o porto também seria impulsionado a realizar alterações em sua infraestrutura para que com a ampliação e modernização pudesse competir com o porto de Salvador.⁴ De acordo com Flávio Gonçalves em 1923, o Brasil estava em segundo lugar no índice de maiores produtores de cacau produzindo 66.883 toneladas, desse montante 88% da produção era oriundo da Bahia, sendo que 100% dessa produção vinha da Região Sul do Estado, sustentando a economia baiana durante a maior parte do século XX.⁵ Sendo assim, era de enorme interesse dos Capitalistas e agricultores que a produção de cacau pudesse ser colocada diretamente no mercado internacional, sem o intermédio do porto de Salvador, pois era bom que o cacau chegasse ao porto para exportação em menos tempo e com menor risco de perda de qualidade, sendo que todos esses fatores eram vistos como imprescindíveis a expansão e prosperidade da lavoura cacauzeira. Flávio Gonçalves em outro artigo, intitulado “Dois Caminhos: Porto e as opções de Trabalho no sul da Bahia” analisa como o Porto da Baía do Pontal introduziu novos ramos de trabalho e interferia na composição social da cidade, sua análise baseada nos censos de 1872, 1920, 1940 percebeu uma duplicação nos postos de trabalho ligados ao ramo de “transporte e comunicação” na medida em que os as atividades portuárias iriam se intensificando na cidade de Ilhéus, porém percebe que este número poderia ser muito mais amplo, pois trabalhadores como estivadores e carregadores, por serem avulsos poderiam ser enquadrados na categoria de trabalhadores sem profissão.⁶ Gonçalves, no entanto percebe que mesmo que o trabalho no porto da Baía do Pontal tenha se intensificado com a ampliação e modernização fruto do aumento da produção, exportação e valorização do cacau, Ilhéus sempre teve movimentação portuária, isso porque a economia ilheense não era isolada como alguns historiadores acreditavam. Marcelo Dias percebe que no século XIX, Ilhéus exportava para diversas localidades como Rio de Janeiro, Alagoas e Salvador, farinha de mandioca, piaçava e madeiras nobre. Ao analisar os inventários na segunda metade do século XIX,⁷ Marcelo Loyolla consegue comprovar a tese da dinamicidade e diversidade de atividade que movimentavam a economia interna da cidade de Ilhéus. Loyolla percebeu então o número considerável de embarcações de pequeno porte e canoas nesses inventários, segundo a sua análise, o transporte de mercadorias das fazendas para a vila de Ilhéus ocorriam por meio fluvial, assim como a exportação de farinha de mandioca e piaçava, como já mencionamos acima, indicando que mesmo que em escalas diferentes, existia na cidade atividades ligadas ao transporte, carga e descarga de mercadorias,⁸ que eram possibilitadas por questões geográficas explicadas por Gonçalves:

“Ilhéus é uma cidade litorânea, para onde confluem os rios Cachoeira, Santana e Itacanoeira, cujo encontro com o mar resulta na formação da baía fluvial do Pontal. Esse espaço foi

4 Flávio Gonçalves dos Santos. *Tudo se revela diverso: a concessão, o movimento e problemas do Porto da Baía do Pontal – Ilhéus - Bahia (1911/1940)*. In: CRUZ, Maria Cecília Velasco; LEAL, Maria das Graças de Andrade; PINHO, José Ricardo Moreno (Orgs.). *História e espaços portuários: Salvador e outros portos*. Salvador: Ed. UFBA, 2016. p. 173-188.

5 Santos, *Tudo se revela diverso...*p. 179.

6 Flávio Gonçalves dos Santos. *Dois caminhos: porto e as opções de trabalho no sul da Bahia em 1872 e 1940*. Almanack, Guarulhos, n. 21, p. 205-238, abr. 2019.

7 Marcelo Henrique Dias. *Farinha, madeiras e cabotagem: a Capitania de Ilhéus no antigo sistema colonial*. Ilhéus: Editus, 2011.

8 Marcelo Loyola de Andrade. *Escravidão, mercado interno e exportações na economia de Ilhéus, 1850-1888*. São Paulo, Tese de Doutorado, PPGHE/ USP 2019.

utilizado desde os primórdios da colonização até o primeiro quartel do século XX como zona abrigada e porto natural, quando uma sucessão de intervenções dotou a cidade de um porto organizado.”⁹

Com o desenvolvimento econômico da região e o enriquecimento de uma parcela da população, Ilhéus passou a ser vista como terra do progresso e da oportunidade isso porque “a região foi declarada área de fronteiras abertas onde os migrantes e imigrantes poderiam se apropriar de faixas de terra e integrá-las ao cultivo do cacau ou de gênero de subsistência.”,¹⁰ toda essa busca pela terra, e pelo enriquecimento esta presente na memória local e registrada na literatura com os livros de Jorge Amado, como *Terra do Sem fim*, *Cacau* entre outros. Mary Ann Mahony e Walter Fraga percebem um fluxo migratório em direção a Região Sul do Estado antes da ascensão da economia cacauera. Após o processo de abolição da escravatura, onde o sentido da liberdade era visto pelos ex-escravizados como a possibilidade de locomoção, e a saída dos ambientes onde eles eram cativos, fizeram com que muitos ex-escravos e seus descendentes migrassem. Ilhéus, pela extensa disponibilidade territorial e pelos indícios de um crescimento econômico, já pelo cultivo do cacau, fizeram dela um destino possível a este contingente de emigrantes.¹¹

Muitos são os estudos de diversas áreas que utilizam de diferenciadas fontes para dimensionar a vinda de emigrantes para a região que no porto desembarcavam. Philippe Murillo de Carvalho afirma que as informações sobre a fama dos “frutos de ouro” circulavam por diferentes partes do nordeste, mas que parte desta onda migratória ocorria devido ao investimento massivo dos fazendeiros em agentes aliciadores, que buscavam atrair os trabalhadores para as fazendas de cultivo de cacau.¹² Mas nem todos que chegavam à cidade conseguiam encontrar de imediato posto de emprego, segundo Carvalho muitos que chegavam ao município sem dinheiro para pagar pensões, e sem qualquer atenção dos poderes públicos, abrigavam-se em barracões que ficavam na região portuária. Aqueles que conseguiam superar a adversidade que era a chegada a Região Sul da Bahia, tinham para além das lavouras de cacau, a partir dos anos 1920, as ferrovias, rodovias, casas comerciais e o porto como opções de trabalho.¹³ É importante salientar que muitos permaneciam na região portuária com a expectativa de conseguir ali algum tipo de trabalho, visto que a maioria das atividades era realizada por empreitada, escolhida através da parede.

A modernização da cidade, que necessitava ser reconfigurada para ser vitrine da riqueza de seus habitantes, era sistematizada por uma série de regras sociais que alimentada pelos sentimentos republicanos de ordem e progresso, viam na moralidade um dos principais pilares da vida em sociedade e a vadiagem, desordem e ociosidade atitudes intoleráveis e que deveriam ser combatidas, a luta contra a vadiagem passou a interferir diretamente no cotidiano dos trabalhadores, principalmente os trabalhadores portuários. A história sobre o coronelismo na região sempre evidenciou as arbitrariedades

9 Santos, *Dois caminhos: o porto....*p. 210.

10 Santos, *Tudo se revela diverso...*p. 186.

11 Mary Ann Mahony. “Afro-brazilians, land reform and the question of social mobility in southern Bahia, 1880-1920”. In. *Afro-brazilian culture and the politics: Bahia, 1790’s to 1990’s*, 1998.

12 Philippe Murillo Santana de Carvalho. *Trabalhadores, associativismo e política no sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna, 1918-1934)*. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.pag 38.

13 Carvalho, *Trabalhadores, Associativismos e Política...* p. 41.

e os mandos e desmandos, seja nas eleições com o voto de cabresto, ou nas dinâmicas que envolvia os mundos do trabalho. Recentemente uma nova historiografia que tinha como influência metodológica de Edward Thompson, passou a priorizar a história dos desfavorecidos, a escrita de uma história “vista por baixo”, Philippe Murillo de Carvalho, em sua tese defende que os trabalhadores sul baianos, mesmo diante das forças oligárquicas que tentavam a todo custo controlar as dinâmicas do trabalho, através da formação de associações trabalhistas buscavam através das brechas do sistema e das relações amistosas com os coronéis, a garantia de direitos.

Os anos de 1920 foram marcados por uma série de movimentações nos âmbitos sociais, econômicos e associativos na cidade de Ilhéus, motivados pela busca do progresso, viam na modernização da cidade uma forma de demonstração de poder de seus coronéis que alicerçados pelos discursos moralizantes interferiam nas dinâmicas sócias. Devido a sobrepujança da economia cacaueteira nesse período, Ilhéus recebeu um enorme contingente de emigrantes vindo de diferentes cidades do Nordeste brasileiro, porém a narrativa presente na memória social e por muito tempo prevaleceu na história regional, foi que o enriquecimento da região ocorreu devido aos esforços desses emigrantes, apagando o passado escravista da história de Ilhéus. Podemos encontrar essa narrativa no texto de Tavares e Duarte em homenagem ao centenário do Sindicato dos Estivadores, em seu texto eles atribuem aos emigrantes Sergipanos o número majoritário entre os estivadores fundadores do sindicato.

Em 1919, surgiu na cidade de Ilhéus a Sociedade União Operária dos Estivadores de Ilhéus que tinha como característica ser uma associação de caráter mutual que objetivava amenizar os problemas sociais visto que os poderes públicos nada faziam. Com auxílio funerário e assistência médica, a associação dos estivadores tinha também como intuito a conquista do Closet shop, ou seja, o controle da contratação da mão de obra, pois a contratação feita pelos patrões ocorria de forma arbitrária e tendenciosa. Erika Arantes afirma que o controle da mão de obra era o desejo dos trabalhadores em quase todos os portos brasileiros, mesmo que estes indivíduos não estivessem organizados.¹⁴ A associação dos estivadores surgiu como uma organização de caráter assistencialista e mutual, diferentemente do que acredita Tavares e Duarte, que coloca SUOEI desde o seu surgimento como um sindicato, no entanto é importante salientar que nos anos de 1920, a diferença entre sindicatos e associações estava muito mais na nomenclatura, que na forma de organização.¹⁵ Outro fator apontado por Philippe Murillo de Carvalho consiste na necessidade que os trabalhadores sul baianos tinham de se aproximar da elite local, isso porque segundo Sydney Chaloub os grêmios e associações recorriam aos chefes das oligarquias para solicitar benefícios¹⁶ e em Ilhéus lugar onde as primeiras associações eram compostas por coronéis ou tinham a sua presença, permanecer como associação seria mais vantajoso que se sindicalizar.¹⁷ É importante compreender também que a SUOEI era uma

14 Erika Bastos Arantes. *O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX*. Niterói, Tese de Doutorado, PPGH/UFF, 2010.

15 Claudio Henrique Batalha. *Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. Cadernos AEL (Arquivo Edgard Leuenroth IFCH/UNI-CAMP), Campinas, v. 6, n. 10-11, p. 41-68, 1999.

16 Sidney Chaloub. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.p. 43.

17 Carvalho, *Trabalhadores, Associativismos e Política...* p. 60.

sucursal da União Operária dos Estivadores do Rio de Janeiro, visto por uma historiografia como praticantes de um sindicalismo amarelo, que via na greve o último recurso e na negociação com o patronato a maneira de conquistar direitos,¹⁸ influenciando direta ou indiretamente na escolha inicial dos estivadores de Ilhéus.

Na historiografia encontramos certa tradição nos estudos que se propõem analisar as dinâmicas organizacionais dos trabalhadores portuários em específico dos estivadores. No entanto é importante salientar que mesmo que existam características gerais entre os estivadores de diversas localidades do Brasil e do mundo, cada organização vivência contextos históricos isolados o que torna a experiência daqueles trabalhadores única, tornando-se essencial para compreender as estratégias dos trabalhadores em diferentes contextos ao longo do tempo. De acordo com Thompson a classe se constitui “quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem... dos seus.”¹⁹ A experiência é em grande parte fruto das relações de produção, através do embate entre dominação e subordinação, classes baixas e as elites, sendo assim o fazer dos estivadores não pode ser compreendida como única, porém é possível ser examinada por um período adequado de mudanças sociais, observar os padrões suas relações, ideias e instituições. A experiência de classe passa então segundo Bezerra, a ser experimentada como um sentimento, pertencendo a uma vida cotidiana que passa a ser incorporada na cultura: normas criadas, organização,²⁰ transformando a experiência vivida em algo único e singular.

O Perfil dos Estivadores associados

Em *São Jorge os Ilhéus*, Jorge Amado ao retratar o cenário do cais do porto, descreve os trabalhadores portuários como “negros de sacos às costas”,²¹ essa retratação pode nos indicar acerca da predominância racial desses trabalhadores. Historiadores como Mary Anny Mahony e Ronaldo Lima Cruz, em seus trabalhos, buscam retirar o mito de que nas terras cacauceiras não teve mão de obra escrava ou ex-escravizada no contingente de trabalhadores do sul da Bahia. Mahony percebe que Ilhéus e Itabuna estavam no itinerário dos ex-escravos que saindo do recôncavo, onde a produção de açúcar já estava em declínio, via nas terras do sul, com a ascensão da produção do cacau e a abundância de terras disponíveis ao cultivo, uma oportunidade de reiniciar a suas vidas²². Cruz através de processos criminais, cíveis e fontes impressas, tenta traçar os caminhos percorridos pelos ex-escravos e seus descendentes no pós-abolição na cidade de Ilhéus, delimitando quais postos de trabalhos eles ocuparam, e as dificuldades encontradas neste novo cenário político, concluindo que

18 Batalha, *Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro...*p. 55

19 E. P. Thompson. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. I.

20 Holien Gonçalves Bezerra. *EP THOMPSON E A TEORIA NA HISTÓRIA*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 12, 1995.

21 Jorge Amado. *São Jorge dos Ilhéus*. Rio de Janeiro, Record, 1975.p. 14

22 Mahony. “Afro-brazilians....”

muitos permaneceram na zona rural na tentativa de obter terras ou nas fazendas ocupando os mesmos postos de trabalho, porém, segundo ele, alguns foram para a cidade mesmo em condições difíceis, e muitas vezes insalubres, pois viam nos postos de trabalho presentes na zona urbana de Ilhéus uma chance de modificar a sua trajetória, passando a trabalhar como babás, empregadas domésticas, prostitutas, vendedores, prestadores de serviços e estivadores.²³

Como objeto de análise, utilizaremos como principal fonte o Livro de registros dos sócios associados à Sociedade União Operária dos Estivadores em Ilhéus (SUOEI), nele consta dados importantes sobre a idade, moradia, naturalidade, entre outras coisas. Vale ressaltar que para o estudo aqui realizado foi utilizada fotos presentes na ficha de inscrição, contudo com o passar dos anos, muitas se perderam fazendo com que fosse possível apenas o vislumbre parcial acerca da delimitação da proeminência racial deste grupo de trabalho. De acordo com o senso de 1920, 470 indivíduos sobreviviam da atividade de estivagem na cidade de Ilhéus, porém nos registros de sócios consta apenas 105 estivadores associados à SUOEI até 1927, data limite deste trabalho. Se os números do senso estiverem corretos, e os dados dos registros estiverem fidedignos aos números de estivadores associados, 365 estivadores não estavam ligados à sociedade.

Segundo o gráfico 1, dos 105 estivadores cadastrados no livro da SUOEI, 60 registros contêm fotos sendo que 45 não. O número de registros fotográficos chega ser equivalente há 57,2 % dos componentes inscritos, nos dando então uma boa margem para análise destes, sendo possível então traçar o perfil racial da classe estivadora. Se ao compararmos que dessas 60 fotos, 43 são de homens negros, e só 17 de brancos, percebemos então uma disparidade em relação ao número de trabalhadores negros e não negros. Para chegar a tal conclusão utilizamos como forma de análise o princípio matemático da proporcionalidade, tendo então 95% de confiança, já que a porcentagem de negros é 71,7 % e não negros de 28,3% percebe-se que mesmo dentro da margem de erro de 8%, há uma predominância racial entre os estivadores ilheenses.

Gráfico 1.



Muitos trabalhos ao analisarem o porto do Rio de Janeiro percebem a influência e tradição negra presentes nos trabalhos como carregamento e estiva. As tradições expressas nos grupos de trabalho, a proeminência étnica, e a forte presença desde o período da escravidão faz com que seja

23 Ronaldo Lima da Cruz. *Conflitos e tensões: conquistas de escravizados e libertos no sul da Bahia, 1880-1900*. 2012. 120 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012.

comum atrelar a mão de obra negra ao trabalho portuário como um todo. José Reis, no estudo feito sobre os carregadores em Salvador, percebe que no período de 1856, a estiva era composta por 35,5 % por brancos, mas tinham em seu quadro de trabalhadores negros livres ao contrário dos carregadores que era composta somente por africanos, livres ou cativos.²⁴ Isso nos faz ponderar acerca da relação racial na organização de classe, pois mesmo que os estivadores de Ilhéus, assim como os do Rio de Janeiro, não estivessem como princípio basilar de organização o elemento racial e sim princípios classistas, não impede que possamos perceber nas práticas cotidianas a influência cultural negra.

Como nos alerta Hebe Matos, é comum que no período próximo a abolição e no pós, ocorresse a ocultação da categorização racial nos documentos oficiais e judiciais. Segundo ela, não é meramente uma política de branqueamento como proposto por Florestan Fernandes, mas a necessidade de readequação do sentido dado à cor e liberdade com o advento da Primeira República. Isso não faz com que excluamos a possibilidade de que as mudanças estruturais na sociedade não acompanharam a necessidade de novas terminologias, com isso ter nos documentos oficiais a descrição racial era atrelar o sujeito, quase que imediato, ao conceito de classe perigosa.²⁵ Indicando uma possível explicação para a ocultação do quesito racial a ficha de inscrição da associação.

Voltando à matéria comemorativa do centenário do Sindicato dos Estivadores está presente nas primeiras linhas o reconhecimento, por parte dos integrantes do sindicato, a presença forte de negros na estiva, e a sua influência social, ao colocar que:

A história contada boca a boca, de geração em geração, dão conta que os associados fundadores, na maioria negros, pobres, imigrantes sergipanos, talvez pela descendência escrava, primavam pela unidade como um meio de se fortalecerem e juntos se protegerem das investidas dos “patrões” da época, que ainda fortemente movidos e envolvidos pelo ranço da escravatura recentemente abolida, substituíam o chicote pela oferta de trabalho penoso, perigoso, insalubre, mediante paga de míseros salários.

Por muito tempo a historiografia sul-baiana fortaleceu a premissa de que grande parte da população que veio para as lavouras do cacau e para as cidades do sul da Bahia veio de Sergipe. Ao afirmarem que os membros fundadores, ou seja, os primeiros que se associaram a SUOEI vieram de lá, Tavares e Duarte perpetua a narrativa produzida pelos coronéis do cacau. Porém ao analisarmos os dados dos estivadores percebemos que essa premissa não se concretiza. Os dados presentes no Gráfico 2 demonstra a existência de sergipanos, mas muito inexpressiva se comparado ao número de estivadores vindos de outras localidades da Bahia. Dos 105 estivadores, apenas 15 eram Sergipanos, 8 alagoanos, 1 pernambucano e 1 cearense, sendo 80 vindos de várias localidades da Bahia.

24 João José Reis. *Os Ganhadores - a greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

25 Hebe Mattos. *Das Cores do silêncio*. Arquivo Nacional, 1995 / Nova Fronteira, 1998.

Gráfico 2.



Os estivadores baianos, segundo os dados, são oriundos do norte, sertão, recôncavo e extremo sul da Bahia. Ao todo trinta e nove municípios compõem o quadro de naturalidade desses estivadores, onde algumas cidades se destacam pela quantidade de estivadores. Ilhéus lidera o ranking tendo 11 estivadores registrados, o que confirma que a estiva era um dos destinos viáveis e escolhidos pelos ex-escravos e descendentes no pós-abolição, pois desses onze, seis eram negros e dois não contêm fotografias. Em segundo vem Alcobaça com 6 estivadores, depois Valença e Salvador, ambas com 5 estivadores cadastrados. As demais cidades não comportam números expressivos, tendo a maioria apenas um estivador por município.

É importante salientar que o número de trabalhadores da estiva oriundos do Recôncavo chega há 13 indivíduos, ultrapassando em relação numérica, a cidade de Ilhéus. Desses indivíduos quatro nasceram no período escravocrata, onde dois são negros e os outros dois sem registros fotográficos. Diante do conjunto de sujeitos vindos do Recôncavo, devemos frisar que não existia nos oito registros fotográficos, a presença de não negros, dando margem à interpretação que esses estivadores eram majoritariamente negra nascidos na última década da escravidão e primeira década da República saíram dos seus locais de origem e vieram para Ilhéus, como sugere a historiadora Mary Anny Mahony.

A partir de Thompson compreendemos que as experiências e vivências são balizas importantes na atuação social do indivíduo, sendo assim compreender o perfil dos estivadores, possibilita percepção das minúcias de seu fazer enquanto trabalhadores, além disso, reforçar a importância dos afrodescendentes na conformação da classe trabalhadora no período republicano em Ilhéus, que mesmo diante de diversas dificuldades vivenciadas, comemoraram em 2019, cem anos de atuação no cenário associativo da cidade.